

Cidades.

Conheça a história de Hercílio Pirão

Dono de restaurante tradicional na Praia do Canto, em Vitória, ele cravou seu nome na gastronomia capixaba. São 33 anos mantendo a tradição da moqueca. *Páginas 16*

EDITORA:
ELISA RANGEL
erangel@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

PESCADORES DO RIO DOCE PEDEM SOCORRO

Proibidos de pescar, trabalhadores estão sem renda e ajuda

/// KATILAINE CHAGAS
kchagas@redgazeta.com.br

A solução para eles é Deus. Porque sem amparo, sem renda, sem informação, sem ajuda, pescadores e comerciantes que dependem do Rio Doce se apegam à esperança no divino de que tudo, no final das contas, vai acabar dando certo.

“Vamos aguentar até quando Deus mandar”, diz o pescador José Lino Moraes, 62 anos, enquanto ajeita a rede, hoje sem uso. Ele é de Povoação, colônia localizada em Linhares, município que abriga a foz do Rio Doce, na vila de Regência. Foi pelo local que desembocou no litoral capixaba a onda de lama de rejeitos de minério da barragem da Samarco rompida em Mariana, Minas Gerais, no último dia 5.

Além das lamentáveis mortes de 13 moradores de Mariana e dos 10 desaparecidos, o mar de lama carregou consigo a falta de perspectiva e de garantia de renda de gente que só tem o Rio Doce como sua fonte de sobrevivência.

Na casa da pescadora Rosa de Jesus da Silva Alves, 38, os freezers onde ficavam os peixes estão vazios. “Assim como a Samarco não estava preparada, os pescadores também não estavam. O negócio do pescador é rede, é pesca, não vivemos de outra coisa. Nós estamos que nem os peixes, morrendo afogados”, lamenta Rosa.

Proibidos de pescar tanto no Rio Doce, quanto no mar enlameado, os trabalhadores esperam se sustentar com o dinheiro do Ministério da Pesca para compensar o

“

Aqui era uma fartura. Hoje em dia não tem peixe. Tirava até R\$ 3 mil pescando. Agora não tiro nada”

— LÁZARO ROLDÃO
23 ANOS, PESCADOR

período do defeso, que vai de novembro a fevereiro. O problema é que a primeira parcela só cai no final de dezembro, daqui a quatro semanas, uma eternidade para quem já está sem renda.

Rosa conta que sua família só não está passando fome por causa da solidariedade da Associação de Barraqueiros de Linhares, que recolheu cestas básicas e as doou à colônia, na época de estiagem e seca que atingia o rio, antes ainda da lama.

“Da empresa não recebemos nada. E dela não queremos cestas. Queremos indenização. Não queremos favor, queremos o nosso direito”, reivindica Rosa.

Sem os peixes, a pescadora Regina Barcelos, 46, também de Povoação, sustenta os seis filhos com a renda de R\$ 530 vinda do Bolsa Família. “É pouquinho mas tudo Deus ajuda”, crê Regina, que trabalha com o marido, também pescador.

“Nessa época era para estarmos pescando em al-



to-mar. Mas agora estamos de braços cruzados, sem saber o que fazer”, diz Regina.

As pescadoras, junto com seus maridos, fazem parte do grupo de 100 pescadores de Povoação. “A prefeitura não veio dar nenhuma assistência à comunidade. Estão todos em Regência”, reclama Rosa.

Pela resposta da prefeitura, algum tipo de ação só deve vir mesmo esta semana. A prefeitura diz que apresen-

tou à Samarco projeto para identificar os impactos. “A resposta da empresa vai ser informada na próxima semana”, comunicou por nota na última sexta-feira a prefeitura. “O município aguarda a contrapartida da mineradora para iniciar a pesquisa”, finaliza a nota.

MEDO

Se em Povoação, os pescadores não poupavam críticas à empresa responsável

pela catástrofe humana e ambiental, em Regência, o clima era de receio.

Medo de perder o pagamento de diárias que a empresa entrega aos moradores por colocar e manter os equipamentos que deveriam evitar a chegada da lama às laterais da foz do rio.

Como não possuem nenhum outro tipo de renda, hoje os pescadores de Regência vivem uma relação cruel de dependência traba-

lhista com a empresa, que conseguiu unir em si a responsabilidade por tirar a fonte de renda deles, o rio, e ser a única empregadora hoje de pessoas que nunca conheceram outra função.

Na vila, são 60 pescadores pagos com as diárias. De todas as tentativas, apenas um deles aceitou falar. “Sou pescador há nove anos. É minha única fonte de renda. Eu não sei como vai ser depois. Minha esposa está desempre-

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

FOTOS: BERNARDO COUTINHO



Voz abalada
José tentou se aposentar por invalidez por causa das sequelas de um câncer na garganta. Ele força a voz, já abalada, para dar conta do comércio.

“Nosso sustento é isto aqui. Não sou 100% de saúde. São cinco pessoas na família. A gente só depende da praia”

JOSÉ ANTÔNIO DOS SANTOS
57 ANOS, COMERCIANTE



Sustento
Restam a José Lino 10 quilos de peixe para vender, mas ele admite que as pessoas estão com medo de comprar com medo de contaminação.

“Vou vivendo conforme Deus quer. Sou velho e não aguento ir para o mar, então pescava na beira do rio”

JOSÉ LINO MORAES
62 ANOS, PESCADOR



Lázaro Roldão lamenta por não poder pescar mais no Rio Doce

cia recebe mais R\$ 300.

O comerciante José Antônio dos Santos, 57, se recuperou de um câncer na garganta há dois anos, mas sua voz está comprometida definitivamente. Com dificuldade para falar, ele tenta manter um comércio na Prainha de Povoação. Tenta. “Esse ano a gente esperava mais movimento. Aí veio esse desastre”, diz ao apontar para a praia vazia, de mar lamacento.

“O nosso sustento é isso aqui. Eu vou ter que vender, alugar ou voltar para trás”, lamenta José, que saiu da Bahia em busca de um lugar com mais oportunidades. E encontrou Povoação.

Por nota, a Samarco informou que foi iniciado levantamento de impactos sociais na Bacia do Doce “que nortearão o plano de mitigação de impactos sociais, com atenção especial às comunidades ribeirinhas”. Disse ainda que está recebendo das prefeituras e órgãos a lista de pescadores para identificação e cadastro.

ABANDONO

A fome ainda não chegou, mas as contas já estão atrasadas. Só a passagem de ônibus de Povoação para o Centro de Linhares (o lugar mais próximo para pagá-las), custa R\$ 9. “Quando a gente tem o dinheiro da energia, falta o da passagem”, lamenta Rosa.

Amparados pela fé em Deus, Rosa de Jesus e outros pescadores esperam também a ajuda dos homens. “Não nos abandonem. Senão nós estamos perdidos.”



Regina Barcelos e o marido sustentam seis filhos com a pesca, que agora está proibida no Rio Doce



“Pesco há 30 anos, desde criança. Pai pescador criou a gente na pesca. Mas aqui não recebemos nada de ninguém”

ADVALDO DANIEL ALVES
42, PESCADOR

gada. O barco, parado. Sei trabalhar de pedreiro e marceneiro. Mas com esse acontecimento, acabou o trabalho em Regência”, lamenta Lázaro Roldão, 23 anos.

O presidente da Associação de Pescadores de Regência, Leone Carlos, diz que são pagos R\$ 150 para cada pescador trabalhar na tentativa de contenção da lama. O trabalho vai das 5h às 17h. Se houver saídas de barco, o pescador de Regên-

gazetaonline.com.br

Confira galeria de fotos e depoimentos no site

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

“RIO DOCE VAI RESSUSCITAR EM ATÉ CINCO MESES”

Professor da UFRJ fez estudo encomendado pelo governo federal

▄ Embora esteja considerado atualmente “morto”, o Rio Doce, que recebeu mais de 25 mil piscinas olímpicas de lama proveniente do rompimento da barragem da mineradora Samarco, em Mariana (MG), “vai ressuscitar” em até cinco meses, no final da época de chuvas, em abril do próximo ano. A afirmação é de Paulo Rosman, professor de Engenharia Costeira da COPPE/UFRJ, entrevistado pela BBC Brasil.

A conclusão do professor já provoca polêmica nas redes sociais, já que ele é o mesmo especialista que havia afirmado que a lama se espalharia por no máximo 9 km no mar. Mas os rejeitos já alcançaram mais de 43 km ao norte de Regência.

Paulo Rosman é autor de um estudo encomendado pelo Ministério do Meio Ambiente para avaliar os impactos e a extensão da chegada da lama ao mar. Embora especialistas tenham divulgado previsões de danos catastróficos, Rosman afirma que os efeitos no mar serão “desprezíveis”.

Ele diz que, na maior parte do percurso do rio Doce, as próprias chuvas devem limpar os estragos e os peixes devem voltar ao rio no período



VITOR NOGUEIRA - 23/11/2015

Registro feito quando a lama de rejeitos do Rio Doce invadiu o mar de Linhares

de cinco meses, e, no mar, a diluição dos sedimentos deve ocorrer de forma mais rápida - até janeiro do próximo ano. Confira abaixo trechos da entrevista:

Como o rio vai “ressuscitar”?

Há a visão quantitativa e fria do pesquisador, do cientista, e a visão emocional e por vezes desesperada do morador, do pescador e do índio. Os dois estão expressando as suas razões. Ne-



Paulo Cesar Rosman

hum dos dois está certo ou errado. No caso da ciência as coisas são mais factuais, quantitativas, mais numéricas. A diferença é que o rio está morto neste momento, é verdade, mas ressuscitará muito rapidamente, e eles vão poder comprovar isso.

Há muitos exemplos de acidentes muito mais graves e mais sérios do que este da barragem de Mariana. Veja a erupção vulcânica do monte Santa Helena, nos Estados Unidos (em 1980).

Foi tudo devastado e destruído, numa área imensamente maior. Você vai lá hoje e vê que os animais voltaram e a mata voltou.

Para fazer a conta, você tem que pegar o peso da lama e dividir pela massa específica dessa lama. Se neste momento eu tenho 4 kg/m³ de água e for dividir pela massa da lama, dá mais ou menos 1,3 mm. Então isso significa que se esses sedimentos todos se depositassem no fundo do rio formariam um tapete de 1 mm de espessura, o que nem vai acontecer, porque a correnteza vai levar. As fortes chuvas entre novembro e abril “lavarão” o rio Doce, num processo natural.

Digo isso baseado em quantidades de sedimentos, em conhecimentos de processos sedimentológicos, na dinâmica de transporte desses sedimentos pelas correntes dos rios, dos estuários, das zonas costeiras. A natureza se adapta, se reconstrói, se modifica.

Como o senhor responde a especialistas que avaliam que a recuperação do rio pode levar mais de dez anos?

Eu diria apenas que eu espero que eles estejam enganados. Mas basta olhar coi-

sas que já aconteceram. Por exemplo, a quantidade de sedimentos que desceu dentro do rio Itajaí-Açu (SC), no final de 2008, quando caíram inúmeras encostas no vale do Itajaí, na região de Itajaí e Blumenau. Houve um desmoronamento do cais do porto, um mega-assoreamento do canal do porto de Itajaí, sem contar diversas mortes na tragédia. Foi um evento natural, e em quantitativos ele é extremamente maior do que esse do rio Doce. E o porto de Itajaí está lá, o rio Itajaí-Açu está lá, Blumenau está lá. O rio voltou ao normal.

É possível mensurar a quantidade de sedimentos que chegou ao mar?

Sim. A concentração a 10 km de distância da foz do rio Doce, onde a lama teve contato com o mar, estava entre 50 e 20 mg/l de sedimentos em suspensão. Isto é muito insignificante para ser considerado risco ambiental. Para se ter uma ideia, a água dentro de uma baía tem tipicamente entre 50 mg/l a 100 mg/l de sedimentos em suspensão. A água de um rio com cor barrenta tem em torno de 500 mg/l de sedimentos de suspensão, são todos dados naturais.

Samarco não vai pagar funcionários

▄ A Samarco Mineradora, cujas donas são a Vale e a BHP Billiton, informou que “não poderá cumprir os compromissos financeiros com seus funcionários e fornecedores”. Segundo a em-

presa, o motivo é o bloqueio de cerca de R\$ 300 milhões determinado pela Justiça.

Na última sexta-feira, o Ministério Público de Minas Gerais informou que a Samarco pediu mais prazo

para depositar a quantia de R\$ 292.011.480,07, referente a parte da primeira das duas parcelas do acordo firmado entre a mineradora, o órgão e o Ministério Público Federal (MPF). A

empresa deveria ter disponibilizado R\$ 500 milhões até quinta-feira.

Ainda de acordo com a nota da Samarco, “a empresa se desculpa pelo transtorno causado, princi-

palmente, a seus funcionários e fornecedores, e reforça que as medidas para a regularização dos pagamentos, infelizmente, não estão sob sua alçada”.

A mineradora também informou que já solicitou liberação ao juízo de Mariana e continua tomando todas as

medidas legais cabíveis para o desbloqueio das contas.

A Samarco tem 1.586 empregados diretos em Mariana e 1.274 funcionários em Anchieta, no Espírito Santo, além de escritórios em BH e Vitória. Cerca de 2,4 mil terceirizados trabalham para a Samarco.

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

BARRAGENS EM LAGOAS

Onze barragens são construídas para lama não atingir lagoas

▄ AMABILY CALIMAN

Para prevenir que os rejeitos de minério da lama de Mariana, em Minas Gerais, chegue às lagoas de Linhares, Norte do Estado, serão construídas onze barragens nos canais que ligam os mananciais ao Rio Doce. As obras começaram na última sexta-feira e estão sendo executadas pela prefeitura.

Ao todo, 20 lagoas do município recebem interferência do Rio Doce, quando acontece uma cheia. “As barragens estão sendo feitas de forma emergencial para que, caso haja uma enchente, os resíduos de minério que estão no Rio Doce não afetem as lagoas. Nossa preocupação é com a área rural, com a população ri-

RISCO

20

lagoas

Recebem interferência do Rio Doce quando acontece uma cheia.

beirinha que usa essas águas para irrigação e até para o consumo”, disse o secretário Municipal de Obras, Euder Pedroni.

Na lagoa de Terra Alta, está sendo construída a segunda barragem do município. O local é um dos primeiros a receber as obras, porque caso aconteça uma enchente no Rio Doce, logo será



REPRODUÇÃO/ TV GAZETA

Em caso de enchente, a lama com rejeitos do Rio Doce poderá afetar as lagoas

atingida pelas águas de rejeitos de minério.

Além de Terra Alta, outras três barragens também estão sendo construídas: a da Lagoa de Terra Altinha, Valão de Terra Alta e a do Rio Pequeno. Ao todo, serão onze barragens construídas.

As obras são emergenciais e, por isso, homens e máquinas correm contra o tempo, já que a lama continua descendo pelo Rio Doce. A previsão é que as barragens fiquem prontas em dez dias a partir do início das obras.

O valor orçado para a conclusão do serviço é de R\$ 1 milhão. A prefeitura vai pedir à Samarco que contribua com os custos. (Com informações do G1)

Moradores temem poluição do Rio Ipiranga

▄ Os moradores da comunidade de Urussuquara, vila de pescadores localizada na divisa litorânea entre Linhares e São Mateus, estão preocupados com a chegada da lama que avança ao norte da foz do Rio Doce.

Em Urussuquara está localizada a foz do Rio Ipiranga, por isso a comunidade teme que a lama adentre o rio, causando morte de peixes e outros animais. As famílias da região sobrevivem da pesca no rio e no mar e

também do turismo.

“A gente está desesperado porque se ela chegar vai acabar com os peixes tanto do mar quanto do berçário da boca da barra. Se a lama chegar vai fazer um grande estrago”, disse a pescadora

Tereza Viana.

A assessoria de comunicação da Prefeitura de São Mateus informou que ainda não foi iniciado o fechamento da foz do Rio Ipiranga. Uma equipe da secretaria de Meio Ambiente participou

de reunião em Vitória, com representantes do governo do Estado e da Samarco, onde solicitou o fechamento dos rios que fazem encontro com o mar em São Mateus.

O Iema já liberou que a Samarco realize as obras de urgência, assim que for constatado que a lama chegará no litoral de São Ma-

teus. Já a Samarco informou que está tomando as providências para mitigar as consequências do avanço da mancha, agindo de acordo com as exigências dos órgãos reguladores. O avanço da lama, bem como o possível contato com lagoas e rios tem sido monitorado diariamente, segundo a empresa.